

## **ESPORTE E ECOLOGIA: O MONTANHISMO E A CONTEMPORANEIDADE**

Prof. Ms. Cleber Augusto Gonçalves Dias

Univ. Federal do Rio de Janeiro<sup>1</sup>/Univ. Estadual de Campinas<sup>2</sup>

Rio de Janeiro, Brasil

cag.dias@bol.com.br

Recebido em 25 de janeiro de 2009

Aprovado em 13 de março de 2009

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é tentar explorar as relações existentes entre o montanhismo e o contexto social contemporâneo. Nesse sentido, destacam-se, sobretudo, o diálogo deste esporte com os valores e discursos ambientalistas. Esta particularidade é apontada como um elemento de relativa inovação simbólica para o campo esportivo em geral, ao mesmo tempo em que reitera a longa duração de outros aspectos na constituição desse fenômeno social, particularmente na sua busca da natureza como *locus* para prática.

**Palavras-chave:** esporte; ecologia; contemporaneidade.

### **Abstract**

#### **Sport and ecology: mountaineering and the contemporary society**

The objective of this article is to try to explore the relationships between mountaineering and the contemporary social context. In this sense, the dialogue of this sport with environmental values and speeches may be highlighted. This exceptionality is pointed as an element of relative symbolic innovation with respect to the sports field in general, at the same time as it reiterates the long duration of other elements in the constitution of this phenomenon.

**Keywords:** sport; ecology; society contemporary.

Minha idéia aqui é tentar comentar os sentidos do montanhismo enquanto uma expressão de novas e recentes configurações do fenômeno esportivo. Dito de outro

---

<sup>1</sup> . Pesquisador do “Sport”: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

<sup>2</sup> . Aluno do Doutorado em Educação Física.

modo, nossa proposta será a de explorar os vínculos entre o montanhismo e o quadro social contemporâneo.

Nesse sentido, a primeira coisa que se deve dizer é que o esporte, de maneira geral e como qualquer outra prática cultural, submete-se a um sem-número de inflexões históricas; ou seja, é um fenômeno social que está permanentemente em mutação. A este respeito, antropólogos já disseram que a sua principal característica, quando pensado em algum marco cultural, é mesmo a sua variabilidade.

Ao mesmo tempo, tais inflexões, se pensadas à luz da história, não serão nunca absolutas. Para usar uma metáfora de Eric Hobsbawm, a história não é como um ônibus, que no destino final descem todos, o motorista, o trocador e os passageiros.<sup>3</sup> Com isso Hobsbawm quis destacar que inovações e rupturas históricas, por maiores que sejam, convivem com costumes e tradições herdadas do passado, e que esse laços não se diluem de maneira rápida e abrupta. Ao longo do trajeto, passageiros descem, outros permanecem, de modo que antigos e novos convivem entre si numa mesma viagem.

A partir desta analogia, devemos então tentar apreender o montanhismo e as inovações simbólicas que ele possivelmente traz consigo em termos de uma complexa ação dialética entre rupturas e continuidades, permanências e inovações<sup>4</sup>, de maneira que se possa entrever a interdependência formada entre a cadeia que une e separa o passado e o presente. Para as finalidades do fazer histórico importa mesmo tentar esclarecer a atual conformação do montanhismo no seu encadeamento cronológico e a partir do acúmulo de experiências do passado, que o produziram tal como se apresenta

---

<sup>3</sup>. HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

<sup>4</sup>. DIAS, Cleber; MELO, Victor; ALVES JUNIOR, Edmundo. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Lisboa, vol. 7, n. 3, p. 358-367, set./dez. 2007.

atualmente. Em última análise, estamos nos referindo a mudanças e acontecimentos deflagrados, no mínimo, desde os meados do século XIX.

Tais considerações devem ser entendidas no contexto dos estudos acadêmicos que tem se ocupado desse tipo de atividade no Brasil. Aí, encontraremos o montanhismo vinculado aos chamados “esportes de aventura” (a que eu prefiro designar como esportes na natureza). O acréscimo de adjetivos desse tipo pretende destacar, exatamente, a originalidade, a inovação e a contemporaneidade desses “novos esportes”, como também costumam ser chamados.<sup>5</sup> Esta é uma convicção que tem sido mais ou menos aceita, nacional e internacionalmente. Diz-se que são novos porque colocam em cena um conjunto de novos valores e novos significados para a prática esportiva. É comum vermos afirmações que enfatizam, talvez exageradamente, as diferenças entre esses esportes e os “esportes tradicionais”, como futebol, vôlei, peteca ou tênis de mesa.

Como exemplo, que poderia se estender a outros, podemos citar um trecho extraído de um recente artigo de uma importante pesquisadora dessas atividades, que diz:

As atividades de aventura na natureza, entendidas como práticas manifestadas, em diferentes locais naturais (terra, água ou ar), cujas características se diferenciam dos esportes tradicionais, tais como: condições de prática, objetivos, motivação e meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de inovadores equipamentos tecnológicos possibilitando uma fluidez entre os praticantes e o meio ambiente. Elas são imbuídas por uma série de valores e conceitos que pertencem às novas tendências culturais características das sociedades contemporâneas<sup>6</sup>.

Nesta passagem, nota-se a apresentação e o destaque das condições de prática, dos objetivos, da motivação e dos meios utilizados para o seu desenvolvimento, como características que o diferenciam dos esportes tradicionais. Já comentei em outras

---

<sup>5</sup>. RINEHART, Robert; SYDNOR, Synthia. Proem. In: RINEHART, Robert; SYDNOR, Synthia (ed.). **To the extreme**. New York: State University of New York, 2003, p. 1-20.

<sup>6</sup>. MARINHO, Alcyane. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Licere**: Belo Horizonte, vol. 10, n. 1, abril de 2007, p. 7. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufjf.br/licere>>.

oportunidades minhas discordâncias quanto a isso e não caberia retomá-las aqui.<sup>7</sup> Para o propósito de agora, basta situar o debate tentando explicar rápida e resumidamente o porquê ainda não estou plenamente de acordo quanto a esses entendimentos.

Ainda que seja em parte verdadeira a afirmação de que se tenha novos significados, tanto para o esporte como para a sociedade contemporânea, não se pode querer fechar os olhos para as heranças que ainda hoje aí se manifestam. Poucos elementos presentes nessas “atividades de aventura na natureza” são assim tão “característicos da sociedade contemporânea”, a não ser que a definição de contemporaneidade adotada seja suficientemente abrangente para abarcar modos de vida que remetem ao século XV.<sup>8</sup>

Assim, as condições de prática dos esportes na natureza (e do montanhismo em especial) não irão se diferenciar *inteiramente* das condições de prática de esportes tradicionais, em que pese sua variabilidade e ininterrupta transformação (inerente aos fenômenos culturais). Isto porque as condições dos esportes tradicionais também compreendem, desde a sua mais tenra idade, o uso de espaços ao ar livre, um sentido de auto-realização, individualismo e assim por diante, por exemplo. Em outras palavras, tais atividades não estão tão imbuídas de “uma série de valores e conceitos que pertencem às novas tendências culturais características das sociedades contemporâneas”. Ao contrário, parece mesmo que elas estão perpassadas por um conjunto de ideais que os acompanha desde o alvorecer da modernidade. O gosto pelo contato com a natureza através da prática de esportes foi um costume que se consolidou no continente europeu na esteira do próprio processo de esportivização. O

---

<sup>7</sup>. Por exemplo: DIAS, Cleber; ALVES JUNIOR, Edmundo. Notas conceituais sobre os esportes na natureza. **Lecturas**: Buenos Aires, ano 12, n. 114, Novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd114/>>.

<sup>8</sup>. Cf. GANDILLAC, Maurice de. **Gêneses da modernidade**. São Paulo: Editora 34, 1995.

desenvolvimento dos esportes de inverno é um bom exemplo nesse sentido. Emblematicamente, a organização do primeiro clube de alpinismo, fundada em 1857, se deu no mesmo contexto e na mesma época da fundação da primeira associação de futebol, que data de 1863.

Nesse sentido, a reação à cultura iluminista que ganhou corpo entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, pode ser apontado como um dos elementos motivadores e condições de possibilidade para a efetivação histórica do esporte de modo geral<sup>9</sup>, o que inclui também, as atividades na natureza. Essa reação valorizava o corpo e os sentidos como contrapartida à primazia da racionalidade típica do *ethos* moderno. Uma das suas formas de expressão mais bem acabadas foi o romantismo. E não por acaso, alguns dos seus principais representantes estabeleceriam relações diretas com o esporte. Jean-Jacques Rousseau, tido como o pai fundador do movimento romântico, tinha no alpinismo e na apreciação da natureza, alguns dos elementos centrais dos seus hábitos e da sua escala de valores. Johann Wolfgang von Goethe, autor de Fausto e arauto do romantismo alemão, “considerava o exercício físico, acima de tudo a natação e a patinação, uma condição necessária para manter no ápice sua sagacidade e sua produtividade como escritor”.<sup>10</sup>

Vê-se aí o desejo de retomar os aspectos mais sensoriais da vida através de experiências corporais. Esse impulso perpassou tanto os esportes tradicionais quanto os esportes na natureza, colocando-os, em certo sentido, lado a lado. Alpinismo, patinação ou natação, nesse caso, se prestavam todos aos mesmos propósitos. Não seria portanto equivocado dizer que, do ponto de vista histórico, foi um só o contexto que produziu o esporte (na natureza ou fora dela) e permitiu transforma-lo no que ele é.

---

<sup>9</sup>. GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>10</sup>. Ibid., p. 89.

Algo semelhante pode-se dizer quanto aos objetivos e finalidades da prática esportiva. Nesse caso, quando se tenta apontar para possíveis diferenças entre práticas como a escalada ou o vôlei, parece estar se enfatizando apenas uma parcela muito específica de modalidades, a saber, aquelas cujo arranjo institucional privilegia uma forma competitiva de se organizar. Pior ainda, essa fórmula, potencializada pela mídia, será tomada como modelo, desprezando-se a pluralidade de sentidos inerente ao esporte<sup>11</sup>, que a bem da verdade, podem oscilar entre pólos aparentemente contraditórios.

Os comentários de Gumbrecht a esse respeito são úteis. Segundo ele, ao lado do *agon* (competição), tradicionalmente enfatizado nas análises sobre o esporte, deve-se também pensar o *arete* (a busca da excelência). Aliás, este último aspecto, seguindo ainda as indicações de Gumbrecht, pode inclusive ser tomado como mais específico ao esporte em relação ao *agon*. Nas suas palavras:

A busca pela excelência sempre implica competição, embora a competição não necessariamente implique a busca pela excelência. O conceito de *arete*, portanto, é o mais específico. Pois mesmo que busquemos a excelência na solidão absoluta, não podemos fazê-lo sem competir contra a performance de outros (que estão ausentes).<sup>12</sup>

Uma prática tão associada com a “busca da excelência”, da auto-superação ou do desafio pessoal – que é como o montanhismo e os esportes na natureza em geral costumam ser representados – pode também estar perpassado por um forte sentido de competição. Em primeiro lugar, através de uma competição consigo mesmo, e mais que isso, como uma competição no sentido formal. O montanhista Jon Krakauer reitera essas convicções quando diz que “a escalada pode ser um esporte implacavelmente

---

<sup>11</sup>. STTIGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados / CBCE, 2002.

<sup>12</sup>. Gumbrecht, op.cit., 56-57.

competitivo”.<sup>13</sup> Segundo ele, a ausência de canais competitivos formais, embora dificulte o estabelecimento de uma hierarquia precisa entre os montanhistas, não chega a impedi-la por completo. “Existe um sistema surpreendentemente acurado, ainda que esotérico, para avaliar as dificuldades de escalar uma rocha [...] que permite aos montanhistas ter uma certa noção de em qual categoria se incluem”.<sup>14</sup> Esse sistema a que se refere Krakauer diz respeito a presença de uma escala de graduação de dificuldades, adotada por toda a comunidade de esportistas, que garante que os seus desempenhos possam ser comparados, mesmo que os “concorrentes” não se façam presentes. Saber quem foi capaz de escalar uma via de décimo grau e em quanto tempo é uma autêntica disputa, só que encaminhada na ausência do outro.

São vários os episódios que ajudam a ilustrar o quanto pode ser competitiva a prática do montanhismo.<sup>15</sup> Quando o empresário norte-americano Dick Bass iniciava seu projeto de escalar a montanha mais alta de cada continente, tomou conhecimento que Patrick Morrow iniciava um projeto semelhante. A partir daí, Bass se lançou numa verdadeira corrida contra o relógio a fim de cumprir seus objetivos antes de Patrick e dessa forma garantir ser ele próprio a primeira pessoa a realizar tal proeza.<sup>16</sup> Em outro caso, um montanhista carioca relata que certa vez planejara abrir uma nova linha de escalada, quando ficou sabendo que um outro grupo havia se lançado na mesma tarefa: “Senti um certo ciúme e resolvi tirar o projeto do papel e coloca-lo na pedra [...] Entrei

---

<sup>13</sup>. KRAKAUER, Jon. **Sobre homens e montanhas**. 2. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 39.

<sup>14</sup>. Ibid.

<sup>15</sup>. Para ver detalhadamente essa questão da presença da competição no montanhismo: DIAS, Cleber. Convergências, divergências e interseções: diálogos sobre montanhismo. **Esporte e Sociedade**: Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, jul./out. 2007. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/epsoc/>>.

<sup>16</sup> BASS, Dick; WELLS, Frank; RIDGEWAYS, Rick. **Sete picos**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

num tipo de competição, no bom sentido, para ver qual ficaria pronta em primeiro lugar”.<sup>17</sup>

Portanto, mesmo quando vista pela grade da competição formal e institucionalizada das entidades esportivas oficiais, não será correto dissociar modalidades como o montanhismo da órbita principal dos fenômenos esportivos, pois, grosso modo, suas características terão uma série de paralelos e afinidades, sobretudo se considerarmos que o desenvolvimento recente desse esporte tende, cada vez mais, a se enquadrar nos moldes competitivos formais.

Observando-se os últimos acontecimentos do mundo da montanha, percebe-se que já não se trata de um tipo de competição entabulada tangencial ou indiretamente como consequência da busca pela excelência (*arete*) ou da auto-superação. Trata-se, isso sim, daquela disputa convencional em que esportistas comparam desempenhos e estabelecem recordes. Apenas como exemplo, citemos a última notícia que correu entre montanhistas que dizia: “Os irmãos Alex e Thomas Huber escalaram o ‘Nose’ do El Capitan em apenas 2 horas, 48 minutos e 35 segundos, quebrando o recorde de velocidade para o lendário big-wall do vale de Yosemite em apenas 20 segundos”.<sup>18</sup>

Nesse quadro, o que será desejável para uma análise do montanhismo é o esforço de apreendê-lo como um elemento constituinte do sistema esportivo, ao mesmo tempo em que o considere no marco da variabilidade de suas semelhanças.

Em vês de pensar nos esportes como um conjunto de fenômenos com raízes em um denominador comum, será mais sábio imaginá-los como uma rede de práticas relacionadas pelo que Ludwig Wittgenstein denominou celeberrimamente de semelhança de família. Numa semelhança de família, o item A tem algumas características em comum com o item B, e o item B tem algumas características em comum com o item C. E, embora A e C possam

---

<sup>17</sup> FARIA, Antônio Paulo. **Montanhismo brasileiro: paixão e aventura**. Rio de Janeiro: Montanhar, 2006, p. 147.

<sup>18</sup> ALTA MONTANHA. **Novo recorde de velocidade no El Capitán**. Em 14 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://altamontanha.com/>>.

não ter características em comum, sua semelhança comum com B os mantém na mesma família. A luta livre e o rúgbi certamente têm algumas afinidades entre si, e o rúgbi e o futebol desenvolveram-se a partir do mesmo grupo de jogos. Mas a luta livre e o futebol não compartilham muitas características a olho nu, e a convergência entre o adestramento de cavalos e o futebol é ainda mais difícil de enxergar. Mesmo assim, todos se encaixam na rubrica de esportes. Dessa forma, o que buscamos não é uma definição superabrange de esporte, mas uma que simplesmente nos permita ver como todos eles estão inter-relacionados.<sup>19</sup>

Nesse esforço, a chave da diferença ou da singularidade histórica não estará entre esportes do passado e do presente ou entre as características da sociedade moderna e contemporânea, mas sim, no estabelecimento de uma grade interpretativa adequada capaz de superar o velho binarismo entre continuidades e descontinuidades, modernidade e pós-modernidade (contemporaneidade). Ou seja, deve-se repensar radicalmente o parâmetro de comparação utilizado no momento de investigar diferentes práticas sob o mesmo modelo teórico-conceitual. Desse modo, se confrontarmos o alpinismo e o turfe praticados em meados do século XIX, eles serão tão diferentes entre si quanto o são hoje o foilsurf e a ginástica artística. Isto é uma implicação óbvia da abrangência e polissemia do próprio conceito de esporte, que compreende um conjunto muito amplo e diversificado de práticas corporais, mas que ainda assim, guardam alguma unidade entre si; uma “semelhança de família”.

A questão agora é saber qual a peculiaridade que o quadro especificamente contemporâneo traz para pensarmos o esporte a partir do exemplo do montanhismo. Não há nenhuma mudança ou diferença naquilo que se apresentava desde o século XIX? Há, certamente, afinal, a estrutura da modernidade – que nos parece uma chave interpretativa fundamental para pensarmos o esporte – também se altera e se dinamiza. Considerando que as novas configurações do esporte e do montanhismo em particular, dizem respeito, portanto, aos re-ordenamentos mais globais que a própria modernidade

---

<sup>19</sup> Gumbricht, op.cit., p. 49.

esteve submetida desde os seus primórdios, apreender esses deslocamentos é que pode ser substantivo. Nesse sentido, nossa tarefa de agora em diante será a de mapear e correlacionar as peculiaridades do mundo contemporâneo com os esportes na natureza, e mais especificamente com o montanhismo, tentando descrever o nível dessas relações, ao invés de concebê-las *a priori*.

## I

Dentre as características que marcam a vida contemporânea, a onipresença dos discursos ecologistas será uma das mais evidentes. Essa é uma esfera que tem se mostrado capaz de impregnar um sem-número de instâncias de atuação, que vai da indústria alimentícia ao turismo, da moda a diplomacia. Poderíamos falar de uma espécie de “imperativo ecológico”, onde o medo de uma catástrofe ambiental, produzido, em larga medida, pelo discurso dos cientistas e ampliado pelos mecanismos sensacionalistas da mídia, ocupa, transversalmente, as preocupações da ordem do dia.

A criação de partidos verdes em vários países, o aumento no seu número de filiados e seu relativo sucesso em algumas eleições são testemunhos desse processo. A ascensão desses partidos representou em alguns lugares a ascensão de uma nova dinâmica política, que não se restringiu a política ambiental. O slogan de “nem direita, nem esquerda”, assumido pela maioria dos “partidos verdes”, dá uma mostra das mudanças encampadas aí.

O primeiro partido desse gênero foi criado na Nova Zelândia em 1972, seguido nos dois anos subsequentes pela Grã-Bretanha e França, respectivamente. Nos anos seguintes, viu-se, progressivamente, o mesmo acontecer na Bélgica, Alemanha, Suíça,

Luxemburgo, Finlândia, Suécia, Áustria, Irlanda, Holanda e Itália, de modo que entre o final dos anos 70 e o início dos anos 80, partidos ecológicos haviam sido criados em mais de dez países.<sup>20</sup> Atualmente, em todo mundo, contabiliza-se mais de 120. Na França, o número de filiados saltou de 1.700 para 4.400 no curto espaço de tempo entre 1988 e 1989<sup>21</sup>, acompanhando o relativo sucesso eleitoral do partido, que se reproduziu em vários países.

O crescimento e a proliferação de organizações de combate à poluição e a devastação ambiental é outro indício nesse mesmo sentido. Desde a década de 60, há um considerável aumento no número e no alcance de organizações dessa natureza. “Em 1969-1970, o crescimento anual do número de membros dos cinco maiores grupos conservacionistas americanos era de 16% a 18%”.<sup>22</sup> Somente nos Estados Unidos e considerando-se apenas cinco entidades, o número total de adeptos saltou de 593 em 1968 para 1.733 em 1984. Na Grã-Bretanha, passou-se de 277 para 2.047 no mesmo período. Somente o Sierra Club, tido como um dos mais influentes e tradicionais grupos ambientais norte-americanos, viu seu número de membros aumentar de sete mil para setenta mil. No período que vai de 1966 a 1970 o número de participantes triplicou.<sup>23</sup>

Em 1961, por iniciativa de cientistas, foi criado na Suíça o WWF (*Worldwide Fund for Nature* – Fundo Mundial para a Natureza). Daí em diante a entidade se lançou em campanhas de defesa do urso panda na China, do mico leão dourado no Brasil ou do peixe-girafa no Quênia. Logo nos seus três primeiros anos de existência, a organização arrecadou quase dois bilhões de dólares, iniciando então projetos de conservação mais

---

<sup>20</sup> No Brasil, o Partido Verde foi criado em 1986.

<sup>21</sup> ALPHANDÉRY, Pierre; BITOUN, Pierre; DUPONT, Yves. **O equívoco ecológico: riscos políticos da inconseqüência**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 64.

<sup>22</sup> McCORMICK, John. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992, p. 79.

<sup>23</sup> Todos os dados vinculados por McCormick, op.cit.

abrangentes, que extrapolavam já a esfera da defesa de animais em extinção. Equador, Quênia e Costa Rica foram os primeiros lugares a receberem investimentos nessa direção. Atualmente, a WWF tem quase 5 milhões de afiliados, em 96 países com 700 projetos, que contam com um investimento total de aproximadamente US\$ 329 milhões por ano.

No início de 1970, fundou-se o *Greenpeace*. O grupo nasceu de uma ação em que ambientalistas, partindo do Canadá, tentaram impedir um teste nuclear do governo francês que se realizaria no Taiti. A estratégia era a de ancorar sua embarcação nas proximidades do local onde ocorreria a explosão. Perigosamente, a bomba foi detonada a 80 quilômetros do iate. No ano seguinte, o grupo tentou impedir um novo teste quando foi interceptado. Foram agredidos pelos comandos franceses e fotografias clandestinas do episódio foram divulgadas. Austrália e Nova Zelândia mantiveram pressão diplomática sobre a França, que não interrompeu os testes. Em 1985, a embarcação do grupo sofreu um atentado a bomba no Porto de Auckland, na Nova Zelândia, e um dos membros da tripulação morreu. Veio à tona a notícia de que o atentado poderia ter sido perpetrado pelo serviço de inteligência francês. Em meio às controvérsias, as relações franco-neozelandesas se fragilizaram e no fim das contas, o ministro da defesa francês renunciou.

Desde então, o *Greenpeace* se projetou através de ações ambientalistas espetaculares, lançando pequenos botes na frente de enormes navios baleeiros ou estendendo faixas de protesto em chaminés de grandes indústrias, tornando-se conhecido internacionalmente. Já empreendeu campanhas contra a pesca de baleias na Noruega, o abate de focas na Antártida ou o despejo de lixo nuclear no Alasca. Já em

1985, “havia escritórios do Greenpeace em 17 países, com um número total de um milhão e duzentos mil membros”.<sup>24</sup>

Mais que uma proximidade cronológica em suas fundações, cada uma dessas organizações tem em comum, em primeiro lugar, o fato de terem aproveitado e se beneficiado do recrudescimento de uma sensibilização contemporânea à questão ecológica. Além disso, todas elas se organizam em uma estrutura abertamente internacional, elaborando estratégias de ação que visam atrair o máximo de publicidade e se envolvendo em questões políticas mais gerais, às vezes, delicadas, tendendo a uma radicalização e assumindo a postura de reivindicarem mudanças sociais mais profundas.<sup>25</sup>

Tomados em conjunto, cada um desses exemplos ilustra o alcance que a questão ambiental tem no quadro social contemporâneo. “De todas as revoluções conceituais do século XX, poucas forjaram uma mudança tão universal e fundamental nos valores humanos quanto a revolução ambientalista”.<sup>26</sup> Trata-se de uma temática capaz de atingir a política, as relações internacionais, as instituições de governo, a economia, a ciência, a legislação, os movimentos sociais e as nossas percepções, onde o campo esportivo também não passará incólume. Na esteira de uma sensibilidade que promove a comunhão com a natureza, práticas esportivas desenvolvidas em “ambientes selvagens” oferecem a possibilidade de realização desse corolário de idéias, tornando-se mesmo um

---

<sup>24</sup> McCormick, op.cit., p. 146.

<sup>25</sup> Hodiernamente, em alguns casos, a nova postura desses militantes tem chegado a extremos. Já se fala, até mesmo, de “ecoterrorismo”. Nos Estados Unidos, as atividades de alguns grupos ambientalistas ou de defesa dos direitos dos animais, como a Frente de Libertação da Terra ou a Frente de Libertação Animal, já representam, de acordo com o FBI, “um dos mais sérios riscos de terrorismo no país”. Investigam-se suspeitas de envolvimento em incêndios criminosos contra a indústria farmacêutica e cosmética, revendedoras de veículos esportivos, empreiteiras de obras e laboratórios que usam animais em pesquisas. A estimativa é que, num total de mais de 1.200 atos criminosos desde 1990, os “ecologistas radicais” já tenham causado um prejuízo superior a 100 milhões de dólares [ALERTA para “ecoterrorismo” nos Estados Unidos. **Veja**, São Paulo: Abril, 19 de maio de 2005, p. 38].

<sup>26</sup> McCormick, op.cit., p. 15.

dos seus principais canais de realização. É esse o caso do montanhismo, que se apresenta como uma das modalidades mais pródigas sob este aspecto, oferecendo-se sempre como uma atividade capaz de permitir ao homem de hoje “asfixiado pela vida sedentária e sujeito às poluições da cidade, voltar ao seio purificante da natureza”<sup>27</sup>. Em suma, “o contato com a natureza e o reencontro do homem com o seu próprio ‘ego’, tem no montanhismo o seu denominador comum”<sup>28</sup>.

Assim, o homem moderno, martirizado pela artificialidade do ambiente das cidades e impossibilitado de usufruir a organicidade das paisagens verdes temperadas com ar puro, tem nesse esporte a oportunidade definitiva para se reconciliar com a natureza perdida. Não serão raras às vezes em que representações desse tipo se apresentarão reiteradamente. Ter-se-á no montanhismo todo um imaginário perpassado pela idéia de contato e integração com a natureza.

No plano institucional, por exemplo, os clubes e associações se esforçam permanentemente para manter suas práticas no âmbito da chamada sustentabilidade, chegando mesmo a aderirem a militância ambientalista. (figura 1 e 2).<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> PONTUAL, Dr. Raul. A tensão nervosa dos nossos tempos. In: CLUBE EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 287, mar. / abr. 1971, p. 16.

<sup>28</sup> PEREIRA, Antônio Ivo. Montanhismo: escola de vida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de abril de 1965, Edição Esportiva, p.4.

<sup>29</sup> CLUBE EXCURSIONISTA LIGHT. **Boletim informativo**. Ano 43, n. 356, nov. / dez., 2000, p.1.



Figura 1



Figura 2

Em 1986, um trabalho de mutirão entre os clubes do Rio de Janeiro realizou uma limpeza na Pedra da Gávea. A quantidade de lixo recolhido foi tão grande que se utilizou um helicóptero.<sup>30</sup> Em 1989, escaladores mineiros e cariocas uniram forças para impedir a atuação de uma mineradora no Morro da Pedreira, um maciço de mármore nas imediações do Parque Nacional da Serra do Cipó, em Minas Gerais. A mobilização – que viajou a Brasília e chegou a se encontrar com o presidente do Ibama – se autointitulou movimento Pró Morro da Pedreira. O movimento, que conseguiu a criação da Área de Proteção Ambiental do Morro da Pedreira, teve ainda como desdobramentos a criação do Grupo Ação Ecológica (GAE), um grupo ambientalista formado basicamente por montanhistas e que foi fundado, inclusive, na sede social do Centro Excursionista

<sup>30</sup> FARIA, Antônio Paulo. **Montanhismo brasileiro: paixão e aventura**. Rio de Janeiro: Montanhar, 2006.

Guanabara, no Rio de Janeiro. Até os dias de hoje, montanhistas continuam, através do GAE, realizando protestos e outras ações pró-ativas, como confirma o caso citado anteriormente.

Do mesmo modo, durante os cursos básicos de montanhismo oferecido por essas mesmas entidades, se vê aulas que têm no reflorestamento ou na promoção da “conduta consciente em ambientes naturais” algumas das suas temáticas.

Nos seus eventos, também se poderá ver uma profunda associação com os discursos ecológicos. Tem-se ampla divulgação de campanhas e programas como “Eu pratico montanhismo de mínimo impacto” com o “objetivo de promover a segurança e a consciência ambiental entre a comunidade montanhista” ou “Adote uma montanha”, programa “em prol à preservação ambiental” encabeçada pela Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada.

Na abertura da Temporada de Montanhismo do Rio de Janeiro oferece-se um significativo destaque na divulgação de iniciativas desse tipo. Em suma: “Dentre os praticantes predomina um pacto ecológico, ao menos oficialmente, ou seja, é essa a postura das associações, que em todo momento faziam lembrar que no montanhismo reside um ideal de sensibilidade ecológica”.<sup>31</sup>

Reforçando essas representações, vêm-se constantemente, no passado e no presente, o esporte, o esportista e as suas instituições sendo apresentados como espaços privilegiados de promoção de uma ética ambientalista. Em um artigo publicado em um boletim informativo do Centro Excursionista Brasileiro de 1971, lê-se:

Dentre as instituições e outras organizações que colaboram estreitamente com o Conservacionismo, estão os clubes excursionistas. Foram criados para proporcionarem aos seus associados o contacto íntimo com a Natureza, sob

---

<sup>31</sup> DIAS, Cleber; ALVES JUNIOR, Edmundo. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói, RJ: EdUFF, 2007, p. 113.

formas de excursões, as mais diversas, bem como a prática do montanhismo e outros esportes.<sup>32</sup>

Em outro artigo do gênero, de 1973, lê-se, uma vez mais:

Obedecendo às instruções preconizadas pelos seus clubes no respeito à Natureza e portando-se como um vigilante nas suas andanças, observando e denunciando as irregularidades cometidas pelos homens, o excursionista colabora de modo eficaz. Ele sempre tem na mente a proteção da natureza, defendendo-a por dever, por necessidade e pela própria satisfação.<sup>33</sup>

Mais recentemente, no editorial de outubro de 2006 do Boletim do Centro Excursionista Rio de Janeiro, o diretor de ecologia do clube aborda a temática da preservação da natureza, buscando suas interfaces com o montanhismo. Depois de comentar o atual estágio de coisas, em que o aumento do número de praticantes dessa modalidade pode representar um risco adicional aos já ameaçados recursos naturais, conclama os esportistas a uma tomada de posição a esse respeito.

Convido você a uma mudança cultural. O que pode ser feito para diminuir o impacto que você provoca no meio ambiente? Quanto de lixo é possível diminuir no seu dia a dia? É possível deixar o carro na garagem e ir a pé ou de bicicleta, melhorando inclusive seu condicionamento físico? É possível evitar escalar ou caminhar em uma área restrita? Não abrir novas trilhas ou novas vias por um desejo estatístico? Acima de tudo, é possível para você, além de desfrutar das reservas florestais e das montanhas, berço das nascentes de água que nos abastecem, contribuir para que elas se perpetuem?<sup>34</sup>

O montanhista e suas associações são, pois, sempre vistos e retratados como amantes da natureza, com N maiúsculo. Suas entidades firmam parcerias interinstitucionais com órgãos de proteção à natureza como a Sociedade Protetora da Árvore ou a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza. Esta última, aliás, “a

---

<sup>32</sup> SILVEIRA, Estanislau Kostka Pinto da. O papel do excursionista na conservação da natureza. In: CLUBE EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 289, 1971, p. 5.

<sup>33</sup> CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. Conservacionismo: bandeira de quinze anos. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 300, jul. / ago. 1973, p. 7-8.

<sup>34</sup> TEIXEIRA, Domingos Sávio. Todos somos guias. In: CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO. **Boletim**. Rio de Janeiro: CERJ, ano 67, n. 608, outubro de 2006, p. 2.

mais antiga entidade conservacionista de âmbito nacional em atividade no Brasil”<sup>35</sup>, teve entre seus membros fundadores muitos montanhistas. Não por acaso, suas ações foram, por muito tempo, sistematicamente divulgadas nos canais de comunicação dos clubes do Rio de Janeiro. Do mesmo modo, é emblemático que o atual presidente do Instituto Estadual de Floresta do Estado do Rio de Janeiro, André Ilha, seja um montanhista muitíssimo envolvido com o esporte e com todas as suas ações.

No momento em que se criou a primeira Federação de Montanhismo do Brasil, no Rio de Janeiro, no início dos anos 70, fez-se questão de assinalar no estatuto da entidade que um dos seus objetivos era “promover o conhecimento e a observância dos princípios de conservação do solo, da flora, da fauna, e em geral da Natureza”. Essa ambiência, na visão dos próprios praticantes, converte o sportista em uma espécie de naturalista amador, que colabora na conservação dos espaços naturais, condenando qualquer ação destrutiva.

Um bom excursionista sabe que o fogo destrói os abrigos, os ninhos, os ovos e filhotes dos animais silvestres, além de tôda ou parte da floresta em que age; procura sempre evitá-lo e combatê-lo. Sabe também usa-lo quando necessário. Êle sabe que age mais inteligentemente quando planta uma árvore do que quando arranca uma simples flôr. Sabe apreciar, amar e respeitar uma planta ou um animal nos seus ambientes naturais e sente que êstes são um hino à Natureza!<sup>36</sup>

Extrapolando as relações institucionais, declarações dos próprios praticantes são também expressões emblemáticas de tais vínculos. Aí, encontraremos muitas afirmações que reiteram representações de apego e proximidade com a natureza. Por exemplo, Thomaz Brandolin, em seu relato sobre sua tentativa de escalar o Everest, fala, em primeiro lugar, das dificuldades e do desconforto que implica esse tipo de empreendimento. Nas suas palavras: “A vida numa expedição ao Himalaia não é lá

---

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.fbcn.org.br/>>.

<sup>36</sup> Silveira, op.cit., p. 6.

muito confortável. Não tomava banho e praticamente não trocava de roupas havia vinte dias. A barba estava enorme, o cabelo todo desganhado”. Mas apesar das condições, o esportista “não achava ruim nem reclamava”. Segundo ele, “a intensidade das emoções vividas durante essas expedições e a beleza inigualável daquela região compensavam tudo”.<sup>37</sup> Nesse caso, a exuberância da paisagem, aliada à fortes emoções, é capaz de compensar até os desconfortos mais incômodos. É a beleza inigualável da região que faz tudo valer a pena.

Quando indagados a respeito das razões do seu fascínio pelas montanhas, não é raro que alguns praticantes apelem, diante da impossibilidade de expressar em palavras um sentimento tão intenso e difuso, para a atratibilidade exercida pela natureza. Chris Bonington, afirma que “tudo começa com uma apreciação das belezas da natureza selvagem”.<sup>38</sup> John Hunt, apesar de reconhecer uma grande multiplicidade nas motivações para se aderir ao montanhismo, supõe existir para todos “um sentimento de respeitosa empatia ao entorno global em que nos movemos: uma sensação de estar à vontade nas montanhas”.<sup>39</sup> A montanhista Beatriz Osório, no mesmo sentido, diz que “O verdadeiro excursionista é aquele que ama realmente a natureza, não se entusiasmando, apenas, com a visão dos panoramas grandiosos, mas comprazendo-se, também, na admiração das pequenas preciosidades que, em abundância, se lhe deparam pelo caminho”.<sup>40</sup>

Enfim, aquilo que eu mesmo já destaquei sobre o caráter dos esportes na natureza em geral, se aplica perfeitamente ao montanhismo em especial: “A relação

---

<sup>37</sup> BRANDOLIM, Thomaz. **Everest: viagem à montanha abençoada**. Porto Alegre: L&PM, 2005, p. 11.

<sup>38</sup> BONINGTON, Chris. Introducción. In: BONINGTON, Chris (coord.). **Grandes escaladas: una celebración del montañismo mundial**. Madrid: Desnivel, 1995, p. 10.

<sup>39</sup> HUNT, John. Prólogo. In: BONINGTON, Chris (coord.). **Grandes escaladas: una celebración del montañismo mundial**. Madrid: Desnivel, 1995, p. 9.

<sup>40</sup> OSÓRIO, Beatriz. Aproveitemos o caminho! In: CLUBE EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 279, nov. / dez. 1963, p. 17.

com a natureza pode ser vista como um dos elos fundamentais na caracterização dessas práticas”.<sup>41</sup>

## II

Mais do que relacionar o esporte com a ecologia, evidenciando justaposições a partir de evidências que explicitam esses vínculos, interessa estabelecer co-relações significativas. Ou seja, interessa tentar responder a pergunta sobre o quanto o estudo do montanhismo à luz desse traço característico do mundo contemporâneo que é a ecologia, pode ajudar a entendê-lo melhor. Por conseguinte, de que maneira a ampliação do quadro de referências sobre o montanhismo ajuda no melhor equacionamento dos problemas investigativos do esporte de modo geral e da sociedade na qual ele está inserido? Essas questões e a sua perseguição através dos procedimentos de comparação que estou tentando sugerir aqui talvez nos ajudem a compreender as possíveis metamorfoses atualmente em curso no tocante aos fenômenos esportivos (e sociais), onde o montanhismo é um signatário privilegiado.

Em outras palavras, o teorema que estamos indicando é: primeiro, um dos traços do mundo contemporâneo é o processo de ecologização social; segundo, um dos traços do montanhismo – entendido enquanto um esporte na natureza – é sua relação com discursos ambientalistas; terceiro, tais vínculos do montanhismo com a ecologização social é um dos elementos que explica os sentidos desse esporte enquanto prática moderna; quarto, as interfaces do esporte com a ecologia é a característica que se apresenta de maneira mais pronunciada nos dias de hoje.

---

<sup>41</sup> DIAS, Cleber. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo horizonte, vol. 10, n. 3, dezembro de 2007, p. 23. Disponível em: <[www.lazer.eefd.ufrj.br/licere](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere)>.

Esse pequeno quadro de análise talvez nos permita depreender algumas questões interpretativas sobre o montanhismo e conseqüentemente sobre o esporte e a sociedade. Em primeiro lugar, temos a necessidade de pensarmos as mudanças esportivas da contemporaneidade como um processo de longa duração, isto é, sob a égide da construção da própria modernidade. Nesse sentido, o ambientalismo, por exemplo, tão importante na construção das representações do montanhismo de acordo com o que venho argumentando, é um movimento cuja história remonta ao século XIX; justamente o período e o contexto em que todo um modo de vida moderno se sedimentou. Mais que isso, o surgimento das atuais concepções e maneiras de apreciação estética da natureza, igualmente determinantes na aparição de costumes esportivos na natureza – tais como o montanhismo – são também fenômenos tipicamente modernos.<sup>42</sup> É nesse sentido então que a sensibilidade ecológica se relaciona com dinâmicas macrosociais inerentes à modernidade.

Um desses pontos de relacionamento está na sua estrutura ambivalente. De acordo com Zigmunt Bauman, Octavo Ianni<sup>43</sup>, entre outros, a modernidade enquanto uma figuração social é composta por um inextricável sentido de ambivalência, ou seja, ao mesmo tempo em que os seus sentidos estão associados a noções de indústria, máquina ou urbano, tem-se também os seus contrapontos: a sociabilidade pública e coletiva, a exaltação do campo e da natureza ou as noções de orgânico e bucólico. Em verdade, segundo a interpretação desses autores, todas essas dimensões, da cidade e da natureza, do individual e do coletivo, do controle e do descontrole, do aprisionamento e

---

<sup>42</sup> LEIS, Hector. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. São Paulo, Ed. Vozes, 1999; TAVOLARO, Sergio. **Movimento ambientalista e modernidade: sociabilidade, risco e moral**. São Paulo: Annablume, 2001.

<sup>43</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999; IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

da libertação, do desencantamento e do reencantamento, convivem mutuamente de maneira complexa e mais ou menos paradoxal.

As preocupações ecológicas, do mesmo modo, servem como vetor de irradiação de questionamentos da ordem capitalista, que ponderam sobre os rumos da sociedade industrial e tecnocrática, ao mesmo tempo em que servem de veículo a novas formas de consumo: “A ecologia veicula valores e opções aparentemente contraditórias [...] No campo econômico, a proteção do meio ambiente é agora levada em consideração e permitiu o surgimento de novos mercados”.<sup>44</sup> Produtos pintados de verde encarnam imagens valorizadas, constituindo-se como fator de diferenciação. Para que nossos céus sejam mais azuis, fabricantes de combustíveis estimulam a compra de gasolina sem chumbo.

Então, por mais que a aspiração de “retorno à natureza” esteja perpassada por ideais românticos, que em última análise tentam mesmo entabular críticas ao modo de organização social da modernidade, sua estrutura geral não se exclui desse *modus operandi*. Ao contrário, o retorno à natureza, entendido como tentativa de negação da modernidade, está absolutamente impregnado por seus valores. A depreciação do ambiente das cidades em favor dos lugares de natureza, por exemplo, só será possível no contexto moderno de urbanização e crescimento populacional. Nesse sentido, “é a ausência de natureza que produz o desejo de natureza”.<sup>45</sup> Portanto, somente em circunstâncias especificamente modernas esse conjunto de práticas e sentimentos pode surgir e se reproduzir.

As relações do ecologismo e das práticas ecológicas com o consumismo são exemplos nessa mesma direção. A utilização esportiva de paisagens naturais é

---

<sup>44</sup> McCormick, op.cit., p.8-9.

<sup>45</sup> DIAS, Cleber. **Urbanidades da natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

concebida como possibilidade de fugir da sociedade de consumo, na mesma medida em que se estabelece como uma importante engrenagem do seu funcionamento, além de estar profundamente articulada com termos e redes semânticas que lhe são aparentemente antagônicas.

A industrialização e a urbanização já haviam suscitado, desde o século passado, um interesse especial pela natureza por parte de certas categorias sociais. Movimentos e organizações tão distintos quanto o Clube Alpino Francês ou, mais recentemente, os Albergues da Juventude e o naturismo, para não citar mais que alguns exemplos, conceberam a natureza como regeneradora, suporte do esforço esportivo e lugar onde o homem encontra-se frente a si mesmo [...] Essas evocações de natureza podem se basear em concepções perfeitamente contraditórias. Por exemplo, o turismo “verde” (férias na fazenda, caminhadas, cicloturismo, viagens em carroções, encontros de jovens, descoberta da fauna e da flora etc.) é praticado em nome da busca da autenticidade, de um modo de vida mais lento e próximo da natureza. Mas essas formas de turismo podem muito bem ser acompanhadas de uma orgia de compras de equipamentos cada vez mais sofisticados por consumidores pouco desejosos de experimentar até o fim os méritos da austeridade. Então, às vezes é difícil de saber aquilo que domina essas práticas ecológicas, se a relação com a natureza ou a relação com o objeto.<sup>46</sup>

Em suma, a idéia de que práticas ecológicas promotoras de um reencontro com a natureza são móveis de ação para uma ética contra a sociedade de consumo, inibindo o desperdício e a auto-limitação das necessidades, é bastante idealizada. Na medida em que as próprias práticas e sensibilidades ecológicas foram produzidas no e pelo contexto de uma sociedade capitalista, seus valores e princípios tendem a dialogar com as particularidades dessa conformação social. Evidentemente, tais entendimentos e constatações se aplicam ao montanhismo.

Assim, ao lado daquelas representações que vêem os adeptos desse esporte como amantes da Natureza, existe também uma poderosa dimensão mercadológica que compõem seus sentidos e significados. Nos dias de hoje, esportistas como Waldemar Niclevicz são apresentados como “gente com vocação para emoções fortes e faro para

---

<sup>46</sup> McCormick, op.cit., p.38-39.

aproveitar as boas oportunidades oferecidas pelo marketing”.<sup>47</sup> A viagem esportiva à natureza é *business*, e o fato de evocar uma possível sensibilidade ecológica não nos dá motivos para acreditar que sua estrutura de funcionamento esteja para além ou para aquém da órbita do consumo, e essa é uma questão chave para pensarmos as conformações contemporâneas do esporte.

Por último, devemos mencionar o internacionalismo do movimento ecologista, que pensado em suas relações com o esporte, nos obriga a expandir a reflexão para além das referências nacionais. Nesse caso, explicar o montanhismo exige o recurso a outras realidades nacionais, considerando um imaginário global, tal o nível das suas interdependências. A compreensão do desenvolvimento do montanhismo no Rio de Janeiro, por exemplo, com sua progressiva modulação em termos esportivos, requer alusões a processos desencadeados em parte da Europa Ocidental e nos Estados Unidos, onde idéias, materiais e concepções acerca deste esporte compunham intenso fluxo e contra fluxo, influenciando-se reciprocamente.

A guisa de conclusão, devo dizer que o esforço esboçado nesse trabalho pode ser resumido como uma tentativa de situar as re-configurações contemporâneas no âmbito do esporte, sobretudo no seu aprofundamento das relações e interfaces com as questões ecológicas, como um processo de longa duração ou, mais precisamente, como algo inapreensível fora das transformações desencadeadas pela constituição de uma sociedade moderna. É isso que nos trouxe até onde estamos e é isso que nos permite pensar os modos de construção e significado dessas práticas. Mesmo questões aparentemente inovadoras e caras à nossa própria época, como o cosmopolitismo ou a globalização, tem raízes e já estavam claramente em curso no século XIX, onde seria

---

<sup>47</sup> ESCALADA da fama: a gostosa vida dos aventureiros que sempre encontram patrocínio para suas escapadas. **Veja**, São Paulo: Abril, 19 de janeiro de 2000, p. 73.

realmente equivocado subestimar a capacidade desses costumes do passado na sua capacidade de influenciarem o presente.

### **Bibliografia**

ALERTA para “ecoterrorismo” nos Estados Unidos. **Veja**, São Paulo: Abril, 19 de maio de 2005, p. 38].

ALPHANDÉRY, Pierre; BITOUN, Pierre; DUPONT, Yves. **O equívoco ecológico: riscos políticos da inconseqüência**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 64.

ALTA MONTANHA. **Novo recorde de velocidade no El Capitán**. Em 14 de outubro de 2007. Disponível em: <http://altamontanha.com/>

BASS, Dick; WELLS, Frank; RIDGEWAYS, Rick. **Sete picos**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BONINGTON, Chris. Introducción. In: BONINGTON, Chris (coord.). **Grandes escaladas: uma celebración del montañismo mundial**. Madrid: Desnivel, 1995, p. 10.

BRANDOLIM, Thomaz. **Everest: viagem à montanha abençoada**. Porto Alegre: L&PM, 2005, p. 11.

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. Conservacionismo: bandeira de quinze anos. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 300, jul. / ago. 1973, p. 7-8.

CLUBE EXCURSIONISTA LIGHT. **Boletim informativo**. Ano 43, n. 356, nov. / dez., 2000, p.1.

DIAS, Cleber. **Urbanidades da natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo horizonte, vol. 10, n. 3, dezembro de 2007, p. 23. Disponível em: [www.lazer.eefd.ufrj.br/licere](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere)

\_\_\_\_\_. Convergências, divergências e interseções: diálogos sobre montanhismo. **Esporte e Sociedade**: Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, jul./out. 2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>

DIAS, Cleber; ALVES JUNIOR, Edmundo. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro**. Niterói, RJ: EdUFF, 2007.

\_\_\_\_\_. Notas conceituais sobre os esportes na natureza. **Lecturas**: Buenos Aires, ano 12, n. 114, Novembro de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd114/>

DIAS, Cleber; MELO, Victor; ALVES JUNIOR, Edmundo. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Lisboa, vol. 7, n. 3, p. 358-367, set./dez. 2007.

ESCALADA da fama: a gostosa vida dos aventureiros que sempre encontram patrocínio para suas escapadas. **Veja**, São Paulo: Abril, 19 de janeiro de 2000, p. 73.

FARIA, Antônio Paulo. **Montanhismo brasileiro: paixão e aventura**. Rio de Janeiro: Montanhar, 2006.

GANDILLAC, Maurice de. **Gêneses da modernidade**. São Paulo: Editora 34, 1995.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HUNT, John. Prólogo. In: BONINGTON, Chris (coord.). **Grandes escaladas: uma celebración del montañismo mundial**. Madrid: Desnivel, 1995.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KRAKAUER, Jon. **Sobre homens e montanhas**. 2. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

LEIS, Hector. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. São Paulo, Ed. Vozes, 1999.

MARINHO, Aleyane. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Licere**: Belo Horizonte, vol. 10, n. 1, abril de 2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere>

MCCORMICK, John. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

OSÓRIO, Beatriz. Aproveitemos o caminho! In: CLUBE EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 279, nov. / dez. 1963, p. 17.

PEREIRA, Antônio Ivo. Montanhismo: escola de vida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de abril de 1965, Edição Esportiva, p. 4.

PONTUAL, Dr. Raul. A tensão nervosa dos nossos tempos. In: CLUBE EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 287, mar. / abr. 1971, p. 16.

RINEHART, Robert; SYDNOR, Synthia. Proem. In: RINEHART, Robert; SYDNOR, Synthia (ed.). **To the extreme**. New York: State University of New York, 2003, p. 1-20.

SILVEIRA, Estanislau Kostka Pinto da. O papel do excursionsista na conservação da natureza. In: CLUBE EXCURSIONISTA BRASILEIRO. **Boletim Informativo**. Rio de Janeiro: CEB, n. 289, 1971, p. 5.

STTIGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados / CBCE, 2002.

TAVOLARO, Sergio. **Movimento ambientalista e modernidade: sociabilidade, risco e moral**. São Paulo: Annablume, 2001.

TEIXEIRA, Domingos Sávio. Todos somos guias. In: CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO. **Boletim**. Rio de Janeiro: CERJ, ano 67, n. 608, outubro de 2006, p. 2.